

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data ____/____/____
Cod. UD 115

PE. JOSÉ DE MOURA E SILVA, S.J.

SISTEMA DA ECONOMIA DA SALVAÇÃO INDÍGENA

SEPARATA DE ESTUDOS LEOPOLDENSES

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

ANO XIV

VOL. 14

Nº 51

1979

SISTEMA DA ECONOMIA DA SALVAÇÃO INDÍGENA

Pe. José de Moura e Silva, S.J.

Introdução

Foi na coleta de mitos dos grupos indígenas Iránxe, Nanbikuára e Paresí (nomes autóctones respectivos: Mũnkũ, Anũnsu, Halíti), habitantes da região da margem direita do rio Jurueña, formador do Tapajós. Os dois primeiros grupos, de língua não classificada; e o terceiro, nu-aruák.

Um dia, saltou-me no espírito o resumo do sistema, que passo a descrever.

Fica aqui o agradecimento aos companheiros missionários: o amparo metodológico dos jesuítas Adalberto Holanda Pereira e Darci Piveta, o material abundante de etno-história do Adalberto, achegas do salesiano Casimiro Beksta. Compulsados os trabalhos de Magnani e Eliade, senti-me inicialmente ajudado na formulação do sistema. Os vinte e seis dias de curso em Caracas em 1974, as palestras em painel dadas a missionários sobre o sistema pre-

sente e os três dias de curso de Paulo Meneses sobre Análise Estrutural da Mitologia Iránxe, em 1977 em Diamantino, enriquecem esta segunda edição, com mais clareza de perspectivas no travamento do sistema, assentamento mais sólido de pontos, mais densidade nas projeções pastorais. Fica aqui um agradecimento ao Dr. Luis González, professor de Antropologia do curso de Caracas em 1974, pelo carinho com que repassou a tradução mimeografada, pois só aqui se torna possível uma palavra

Convém lembrar a significação de alguns termos indígenas, pois tornarão mais lúcida a compreensão do presente sistema.

Termos Indígenas

UNIDADE DE PESSOA – O índio concebe a pessoa como um todo composto de alma e corpo. É como um hebreu, contrastado ao grego. (1). Não se

(1) *Mysterium Salutis*, II/3, pp. 27-30. Contexto até p 70

dedica fortemente a esmiuçar questões de essência, mas se compraz em narrar as ações e influências da alma: as empresas vitais da alma.

ALMA – A alma é espírito, mas não espírito puro. É composta de algo espírito e algo matéria. É espírito, porque entende, lembra, decide por si. É matéria, porque vê e é visível, escuta, opera, desloca-se de um lugar para outro. É algo vivo, com vida de espírito e ao mesmo tempo é vivificante, com pendor para a matéria. Contraposto à alma, o corpo é matéria grosseira, pesada, vivificada. Nesses termos gerais, o conceito indígena se identifica com o do contexto gêge e nagôu, patenteados por Frikel. (Cfr. Bibliogr.).

INTEGRAÇÃO UNIVERSAL

– Todas as coisas, de certa forma, são misteriosas e podem sofrer transformação funda, no ser: uma coisa pode deixar de ser ela mesma e passar a ser outra. As transformações estão sujeitas a leis universais, que abrangem esta e a outra vida do além.

RELAÇÕES HUMANAS – Minorias étnicas fechadas, os grupos indígenas em questão, são o palco de relações humanas particularmente estreitas, ao nível familiar. O universo é entendido dentro dessa perspectiva fechada. O tratamento é espontâneo, avesso a etiquetas. Ao índio interessa mais o ser, a verdade.

SÍMBOLO – É um ser ou uma ação, que não só significa, mas também realiza praticamente o que significa. Um ser faz as vezes de outro, a ponto de perder a sua identidade. Deixa de existir em si e mantém apenas a ação, a aparência, a figura, os acidentes, abrigando, assim, o outro ser. O ser simbolizado entra no ser-símbolo e ali escondido, mantém a plenitude da própria natureza, sem nada perder dela. Atingido o ser-símbolo, o ser simbolizado nada sofre. Em outras ocasiões, atingir o ser-símbolo é o mesmo que atingir o ser simbolizado.

MITO – É a expressão ou também a explicação de um assunto global e transcendente, em forma de história, narração, afirmação simbólica, em que um problema humano é expresso, equacionado, remontando-se às origens dos seres e narrando-lhes a transformação, feitos e a degradação de alguns. Dissemos assunto global, em oposição a abstrato.

SAGRADO – É o real, o valorizado, o consistente. É a fonte da realização da personalidade do índio e da estabilidade do grupo indígena. É o que dá sentido à vida. O profano, contraposto ao sagrado, é vazio e fugaz. O sagrado vem de cima e é eterno. O sagrado irrompe no mundo profano e assume seres em significação de sagrado, como símbolos e pode mantê-los símbolos, como também pode deixá-los.

SONHO – É a ação especial da alma, enquanto o corpo dorme, de praticar ações, receber ordens, viajar, entrar em contato com outros mundos. Sonhar é interpretado como coisa importante na vida. Sonhar com alguma coisa é decisivo.

MORTE – Por morte se entende a parada ou o estacionamento das funções sensitivas ou mesmo vegetativas. Estão englobados nesse termo: a morte propriamente dita, a perda dos sentidos, o transe.

CLASSES ESPECIAIS DE PESSOAS – Para os relacionamentos com outros mundos, algumas pessoas parecem desprovidas e pobres de poder, ao passo que outras, prendadas, capacitadas. Na medida em que uma pessoa realiza façanhas com poder especial, adquire posição de valor, categoria no grupo, atraindo fortemente e mais fortemente o amor e o ódio.

Termos do Sistema da Economia da Salvação indígena

Sistema

Denominamos sistema, porque se trata de uma cosmovisão universal de fundo religioso, abrangendo seres desta e da outra vida, se interrelacionando numa traveção coerente. Um ser, o Ser Supremo, dá origem ao sistema todo, impulsionando o índio para a busca da felicidade plena. O índio realizará ou não o impulso recebido do Ser

Supremo, escolhendo livremente voltar ao Ser Supremo, ou desviar-se para uma experiência digrediente. Os seres todos do universo, além da própria vida de cada um individual, se interrelacionam sob a perspectiva do Ser Supremo, isto é: na dependência de desígnio do Ser Supremo, todos os seres se inclinam a ajudar o índio a alcançar a felicidade plena, respeitando-lhe, no entanto, a liberdade.

Devido a esse interrelacionamento coerente dos seres todos do universo, sob a perspectiva Ser Supremo-índio-felicidade plena, damos ao conjunto, o nome de sistema.

Denominamos pontos do sistema, os lugares comuns das etno-histórias de cada um dos grupos indígenas. Os pontos vêm a ser os blocos formadores do sistema, os elementos integrantes do todo, conforme as narrações míticas ou afirmações do índio reduzidas a uma síntese. Denotam o Ser Supremo, estados de ser, passagem de um estado de ser a outro. Ao todo são sete os pontos do sistema: O Ser Supremo, o mundo transcendente, o mundo primevo, o estrangulamento do mundo primevo, as condições atuais de vida na terra, as conseqüências últimas vantajosas para o índio, as conseqüências últimas desvantajosas para o índio. Mais adiante desenvolveremos cada um dos sete pontos.

Os pontos do sistema interrelacionados mutuamente, for-

mam um todo analítico: uno na essência e múltiplo nas formas tribais. Isto é: uno na perspectiva descrita e variado nas maneiras divergentes e singulares de cada grupo indígena vivenciar a perspectiva. Um grupo descreve com mais acento e variedade um ponto. Outro grupo prefere desenvolver outro ponto com mais densidade. Por outras palavras: cada grupo indígena realiza, em modo próprio e subjetivo, a essência objetiva do sistema.

Economia

Tomemos o sistema sob o ponto de vista do Ser Supremo. O Ser Supremo contempla o universo todo e concebe o plano de caminho para o índio se realizar na felicidade mais alta e funda de que é capaz. Pondo o índio em movimento, movimentamos também os seres todos do universo, desta e da outra vida, para ajudarem ao índio a chegar a bom termo. Cuida para que o poder do mal não impeça o índio de alcançar a felicidade plena.

Na caminhada do índio, alguns seres se relacionam entre si e com o Ser Supremo. Outros se relacionam mais fortemente com o Ser Supremo. Outros se relacionam mais fortemente com o índio posto em caminhada. O índio se compraz em descrever os seres que o afetam mais de perto. A descrição dos seres mais afastados nem sempre é suficientemente clara e às

vezes o índio diz que a tradição se perdeu.

Tomando-se ainda a mesma perspectiva do índio, os seres se dispõem em situação de simetria e oposição: uns a favor do índio e outros, contra.

Com relação ainda ao índio, alguns pontos parecem mostrar configuração ou estrutura própria. Assim, o mundo primevo é origem de bens, como o são o Ser Supremo e o mundo transcendente; entretanto, exclusivamente do mundo primevo nascem os males e as condições péssimas da vida na terra. Os passos finais e estágios definitivos na outra vida opõem-se: uns consagram o índio para a felicidade plena; outros, ao contrário, para a desdita rematada.

O Ser Supremo pois, vela pelo índio e nada faltou na provisão de seres bons para cada situação, nem mesmo o prêmio e o castigo. Por esse desvelo e cuidado paternal, assegurando estabilidade ao plano de felicidade para o índio, denominamos o sistema pelo termo de economia.

Salvação

Tomemos a perspectiva dos espíritos e pessoas más. Não podem atingir o Ser Supremo, nem o mundo transcendente como terra do Ser Supremo ou como lugar das almas boas. Entretanto agitam fortemente os demais pontos do sistema, tentando espalhar, intensificar os males morais e físicos e mesmo,

se possível, levar o índio definitivamente para a perdição suprema.

Assim, como à consciência boa correspondem bens, assim à consciência má correspondem males. Poderes externos à consciência não só premeiam, castigam, mas também atraem para seus campos bons e maus. Os pontos de encontro entre os poderes bons e maus podem ser a consciência, podem ser também outro lugar. Assim, escolher entre o bem e o mal não é ato apenas interno da pessoa, mas significa tomar partido entre dois bandos poderosos sobre-humanos muitas vezes.

Consciente do pouco valor próprio, se comparado com a eficácia dos espíritos maus e do espírito de maldade, sofrendo injunções de forças inquietantes e pervertedoras, o índio se sente numa situação existencial, no que este termo traduz de mais moderno e sério, vendo-se em perigo de perder bens, vida, destino e mesmo o ser. Livrar-se de tais perigos vem a ser salvar-se. Donde, denominamos de salvação o sistema.

Indígena

Ao dizermos que o sistema é indígena, não temos a pretensão de estender a nenhum outro grupo o sistema aqui descrito além dos três: Iránxe, Nanbikuára, Paresí. Entretanto, consultada alguma literatura, constatados alguns índios e missio-

nários de outros grupos indígenas, podemos dizer que uma pesquisa de extensão obterá material significativo. Temos referência de que grupos Aruák, valorizadores do Ser Supremo, pressionaram outros grupos indígenas a adotarem costumes Aruák e assim difundiram a valorização do Ser Supremo. A informação é pertinente, pois o Ser Supremo é a chave da cabeça do sistema. A pesquisa fica pois, aberta.

Entretanto, sendo o sistema participado por três grupos indígenas, utilizamos o singular universal índio.

Não temos conhecimento suficiente para lindarmos a fronteira entre este sistema de três grupos indígenas com outro não indígena.

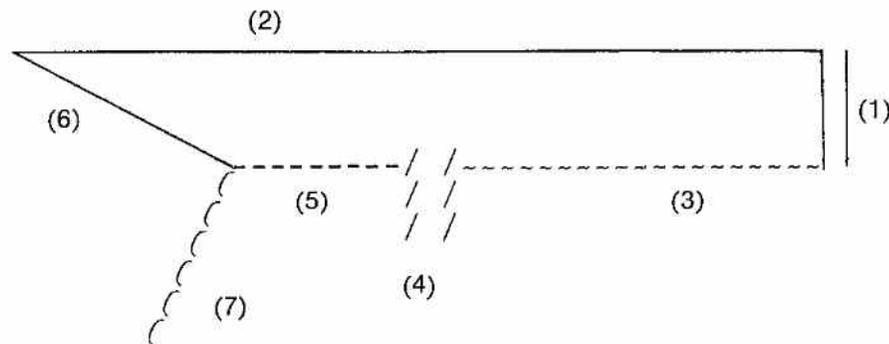
O índio caracteriza o Ser Supremo, o mundo transcendente, e com vivacidade pinta o mundo primevo, a vida nesta terra, as conseqüências vantajosas e as desvantajosas depois da morte. Sintetizamos as descrições. Mas a tendência para o mundo primevo se tornar, por estrangulamento, o mundo da terra atual, assim como o conjunto do sistema, não são expressos claramente pelo índio: é lavra nossa, colheita do mundo subjacente indígena, deduzido de expressões claras e vivas, dirigidas expressamente a outros objetivos.

Ideograma

O conjunto de sete pontos movimentados por uma dinâmi-

ca de salvação iniciada pelo Ser Supremo, mantendo-se cada ponto em coerência com o papel da dinâmica do sistema, pode ser expresso, em resumo, num ideograma. A linha contínua representa o princípio, a dinâmica para a felicidade, o poder supremo e o termo feliz

do índio, voltando ao princípio, na outra vida. As linhas entrecortadas, formadas de sinais variados, representam a liberdade, a luta, a divergência, a perda. O hiato entre as secções de linhas contínuas, ocupado por linhas entrecortadas, representa o tempo de prova.



- (1) Ser Supremo
- (2) Mundo Transcendente
- (3) Mundo primevo
- (4) Estrangulamento do mundo primevo
- (5) Condições atuais de vida na terra
- (6) Consequências vantajosas
- (7) Consequências desvantajosas

DESENVOLVIMENTO DE CADA PONTO DO SISTEMA

O Ser Supremo (nº 1 do ideograma)

Zerries condensa o que foi escrito sobre o Ser Supremo, sob o ponto de vista entitativo, de constituição. (Cfr. bibliogr.) (1).

Trata-se do Ser por excelência, espírito e, portanto, passível de ser multiformemente designado. Pellizzaro desenvolve na catequese a significação de algumas figuras míticas representativas do único Ser Supremo (Cfr. bibliogr.).

Não se explica a gênese do adversário do Ser Supremo, se bem que se explique a gênese

(1) Cfr. Bibliogr. Schaden, p. 75

do adversário do índio. (2). Entretanto, nenhum ser ou estado de ser pode, singularmente considerado ou em conjunto, superar ou igualar o poder do Ser Supremo.

Para o índio, o Ser Supremo, juntamente com o mundo transcendente, fazem a cabeça e o término do sistema. A caminhada do índio, em última análise, vem a significar a volta ao Ser Supremo, sendo que após a morte a alma terá um lugar adequado e modo próprio de encontrar o Ser Supremo.

Mundo Transcendente (nº 2 do ideograma)

O mundo transcendente é o sítio do Ser Supremo. Normalmente é descrito como o mundo de cima, eterno, o princípio antes do princípio do mundo. Ali o Ser Supremo realiza a felicidade mais completa que pode existir, num ambiente imperturbável, defendido contra qualquer outro poder desta ou da outra vida.

Personagens do mundo transcendente agem no mundo primevo e personagens do mundo primevo penetram no mundo transcendente.

Por processos especiais ou por poder fora do comum algum índio poderá ir ao mundo transcendente. A alma pode ir, assim, em transe. Também o mundo transcendente irrompe em qualquer lugar aqui na terra

(2) Sobre o Adversário: Cfr. Bibliogr. Saake

de modo estável ou por atos passageiros. Assim, a ação sensível do mundo transcendente, sempre suposta a figura de fundo do Ser Supremo, funda o mundo religioso. Emanado do mundo transcendente, como sítio do Ser Supremo ou como lugar das almas, paira pelo correr da vida do índio e pela paisagem que o cerca, um ar de sagrado. A expressão do índio comporta, dentro de reticências, um volume maior de valorização do mundo transcendente, do que diz a palavra.

O mundo transcendente, no que diz respeito ao lugar das almas, também é inacessível a poderes tanto dos homens, quanto dos espíritos maus.

Mundo Primevo (nº 3 do ideograma)

Dizemos mundo primevo, porque foi o das primeiras condições de vida na terra. Como essas condições eram muito complexas, denominamos o conjunto de mundo. É o mundo das origens, contado nos mitos, revivido nos ritos. É a mesma terra de hoje, mas no momento em que foi criada pura pelo Ser Supremo e sofreu as primeiras modificações. No mundo primevo os animais falavam, as coisas sucediam bem diferentes, se comparadas com as de hoje.

Quatro coisas se deram no mundo primevo:

Primeira: fatos de natureza edênica. As circunstâncias da vida eram favoráveis ao índio e tudo corria fácil para ele.

Segunda: heróis, em forma humana ou de animais, tornaram-se famosos por um ou mais títulos. A propósito deles e seus feitos, os mitos desenham a vida do grupo indígena na terra. Fica assim estabelecida a lei da vida do grupo indígena.

Terceira: entram em ação monstros dominadores. Às vezes esses monstros são combatidos e vencidos por crianças órfãs.

Quarta: dão-se modificações de ser. Um ser muda e passa a ser outro, degradando-se, desaparecendo, ao passo que outros se tornam símbolos, formas transfiguradas na natureza, hoje perceptíveis.

Tudo acontece como se o Ser Supremo criasse o ser com a qualidade de ainda ser transformado ou de se transformar a si mesmo ulteriormente, perdendo os seres lentamente o poder de se transformarem, mas tão lentamente, que, enquanto houver vida na terra, o poder não cessará. Mas as transformações violentas apenas se deram no tempo do mundo primevo.

Também o mundo transcendente agiu no mundo primevo. Seres do mundo primevo visitaram o mundo transcendente, descrevendo a terra do Ser Supremo, constataram as leis de travessia para o lugar das almas e descreveram a vida das almas.

Estrangulamento do Mundo Primevo (nº 4 do ideograma)

O mundo primevo efervescente, sujeito aos mais violentos

balanços, mostra a tendência para diminuir os males e eliminar as situações edênicas. Como que se estratificando, dá origem às condições mais equilibradas, nascidas de partidos extremos, de vida na terra. Não se trata de um acontecimento instantâneo. Nem se diz que demorou muito.

No entanto, espíritos maus ou ogros atentam contra a integridade das condições mais equilibradas de vida na terra e ameaçam mesmo subverter a ordem da natureza. Assim, fica estabelecido um paralelo entre subversões: na ordem da consciência e na ordem da natureza cósmica.

A tendência à destruição do plano do Ser Supremo passou dos tempos já corridos para o presente e ameaça o futuro.

Condições Atuais de Vida na Terra (nº 5 do ideograma)

A impressão que se tem do índio, não de um primeiro contato, mas de vida, é que ele age de modo coerente com duas perspectivas: experimenta o profano numa perspectiva pessimista; numa segunda, experimenta as realidades superiores do Ser Supremo, do mundo transcendente, do mundo primevo bom, das conseqüências vantajosas.

Seguindo a perspectiva pessimista, o índio chega às mais negras conseqüências para esta e para a outra vida. Poderá mesmo agir como se o mundo estivesse para submergir na

maldade. Seguindo a perspectiva otimista, pode chegar às mais alvissareiras esperanças, como se a terra fosse se transformar em paraíso.

Para a exposição do sistema, interessa-nos a realidade do sagrado adentrado nas condições atuais de vida na terra.

A alma ajudada ou de posse de poder especial recebido por dom gratuito ou adquirido com acese, é o único ser, destas condições de vida na terra, que consegue contactar as realidades superiores, viajar a outros mundos. Nomeia-se a técnica de sonho ou transe. Para todos, também os não dotados, resta a técnica da morte, pela desnudação do peso do corpo.

Entretanto, as realidades superiores rompem a barreira, sem dificuldade e realizam com os mortais, o supremo ato de ser: a participação no ato puro do Ser Supremo criando os seres, situados no universo sem misto de miséria, maldade ou defeito. Ali se instituiu a tradição primeira e sem desvios. O índio acredita que recebeu a tradição por providência do Ser Supremo.

Assim, o mito realiza a mente e o rito o ser todo do índio, na fonte pura da criação do Ser Supremo. Nessa participação consiste o supremo sentido da vida, as coordenadas orientadoras do universo. O centro do universo, de si, não se situa na terra, mas no mundo transcendente. Próprio dessa terra é o

pesado, o lento, a matéria bruta; próprio do mundo superior é a inteligência, o poder, a transparência, a instantaneidade, em outras palavras: o não material.

O índio não acredita mesmo nas condições de vida na terra, e, relacionado com o Ser Supremo e com o mundo transcendente, instala a sinfonia religiosa da vida com mitos, ritos, oblações, dedicações, jejuns e gêneros variados de abstenções e sacrifícios.

A conseqüência do rompimento com o grupo instalado na religião, será a suprema desdita na outra vida.

Conseqüências Vantajosas (nº 6 do ideograma)

A morte se torna um marco da vida, de clareza invencível: o início da vida verdadeira e plena de sentido. A saída das condições presentes da terra costuma ser acompanhada de cerimônias especiais com uso de material adequado, significando passagem para os termos finais de ventura ou desventura supremas.

No itinerário, após a morte, a alma deverá demonstrar aos seres encarregados de verificação, se está em condições apropriadas para viver no lugar das almas. Aprovada, passará por uma transformação, sendo capacitada para mais dilatada felicidade. Livre da morte, de doenças e dos simples incômodos, a mente ainda gozará de uma visão nova das coisas. Material-

mente falando, a alma não encontrará objetos sofisticados, pois tudo é como na terra. Mas as condições de vida são paradisíacas: o que é do lugar das almas não serve para as pessoas na condição de vida na terra.

A alma feliz aparece nesta terra e age aqui. O índio fará bem, entrando em contato com a alma da outra vida, pois ganhará proteção contra as forças do mal.

A área do passo para a outra vida pareceu-nos o ponto mais absorvido da catequese antiga.

SISTEMA DA ECONOMIA DA SALVAÇÃO IRÂNXE

O ideograma exposto acima para a essência do sistema, satisfaz ao sistema irânxe.

Cumpra notar que o grupo Irânxe a que nos referimos situa-se no rio Cravari. Não nos referimos ao mesmo grupo situado no córrego Escondido. O grupo do Cravari sofreu em grau um tanto adiantado o fenômeno da aculturação, tendo vivido vinte anos – 1948-1968 – em dependência praticamente total de Utiariti, perdendo nessa temporada quase todos os índios idosos. Arruinado assim, o suporte mais alto da cultura irânxe e agravada a calamidade com casamentos intertribais em maior número que os nativos, o grupo atualmente se firma numa

Conseqüências Desvantajosas (nº7 do ideograma)

As conseqüências desvantajosas nascem da infidelidade aos moldes de vida do grupo. Uma dura falta de felicidade vai ocorrer à alma, num lugar de sofrimento. A alma ainda poderá ser degradada de modo espetacular, tornando-se ente cósmico ou alma penada. O último grau de perdição vem a ser desaparecer nas mãos de algum ser truculento saído do mundo primevo ou nas mãos de ser desta vida na terra, possuidor de poder especial de vingança.

coesão grupal, procurando, com o incentivo dos missionários, refazer, de alguma forma, o que se perdeu. Em Adalberto Pereira se encontra a densidade maior de documentação, utilizando-se o autor de próprios recursos, além de manuscritos e contatos com João Evangelista Dornstaeder, o primeiro missionário entre os Irânxe do Cravari. Entre os Irânxe do córrego Escondido, o levantamento de material ainda não foi feito.

O Ser Supremo

O Ser Supremo, chamado Inun.II, é descrito como parecido com a alma. Não é casado.

Mora na maior casa que pode existir no mundo transcendente. Conhece toda as coisas, até a consciência e pode fazer seres sem limite. É denominado Taká.á pelo atributo do conhecimento perfeito que tem do universo inteiro.

Mundo Transcendente

A casa grande do Ser Supremo situa-se acima das nuvens e pouco pra cá da lua.

As almas podem entrar na casa do Ser Supremo. Dentro da casa do Ser Supremo gozam de privilégios.

Os Irânxe dizem que no mundo transcendente há três lugares. Entretanto, perdeu-se, até o momento, a memória de um deles. Dizem respeito às almas.

Mundo Primevo (I)

1) Acontecimentos do mundo primevo:

a) Acontecimentos marcados na natureza:

- Passarinho Ôanakuxutuh (Os Filhos da Anta, p. 1).
- Alternância sol de inverno e sol de verão (O Sol Novo, p. 11).
- Cores dos pássaros (A Morte de Wanali, p. 23).
- Nariz do morcego (O Morcego e a Cunhada, p. 27).
- Roça (A Origem da Roça e da Yetá, p. 36).
- Saco de Carvão no firmamen-

- to (O Fim das Estrelas, p. 39).
- Jacu-goela, jacuzinho, jacutinga (A Moça Magra, p. 43).
- Saltos e corredeiras. salto Cravari (O Barulho dos Saltos, p. 44).
- Lua (Origem da Lua, p. 50).
- Pedra originária (Origem dos Povos, p. 54).
- Alternância dia e noite (Origem do Dia I, p. 55).
- Milho (O Morcego e o Milho, p. 56).
- Lagoa do Cravari (O Homem e os Peixes, p. 64).

b) Origem de instituições tribais:

- Complexo religião: oração, dedicação (O Aviso de Inun.II, p. 59); (O Tamanduá-mirim e os Caçadores, p. 47).
- Complexo flauta sagrada, proibida às mulheres (A Mulher do beija-flor, p. 25); (Origem da Roça e da Yetá, p. 36); (O Barulho dos Saltos, p. 44).
- Complexo de Édipo, sob a forma mítica de anta (Os Filhos da Anta, p. 1); (A Moça e a Anta, p. 32). entretanto, a anta trouxe a água aos Irânxe (A Anta Trouxe a Água de Novo, p. 59).
- Complexo couvade (A Gravidez de uma Mulher, p. 42); (As Onças Comeram Pai e Filho); (Os Homens Viraram Pedra, p. 75).
- Complexo jogo de bola, com

(1) Cfr. Bibliogr Pereira. Lendas dos Índios Irânxe. Damos entre parêntesis o título da lenda e a página de começo. Daqui para diante a citação de lendas segue o mesmo teor.

manifestações da verdade e da alegria (Os Três Órfãos, p. 18); (O Fim das Estrelas, p. 39); (A Origem da Lua, p. 50); (O Morcego e o Milho, p. 56); (As Onças Comeram Pai e Filho, p. 64); (A Morte do Envenenador, p. 72).

- Complexo cura com remédios (Os Filhos da Anta, p.1); (A Onça e o Tamanduá-bandeira, p. 16); (A Mulher Magra, p. 37); (A Moça Magra, p. 43); (A Morte de Māpsí, p. 49); (A Morte da Lua, p. 75).
- Complexo culto ao sábio (Os Três Órfãos, p. 18); (Origem do Dia II p. 55); (O Conselho do Trovão, p. 73).
- Peteca, proibida à tardinha (O Morcego e o Milho, p. 56).
- Fumo (O Homem Virou Tamanduá-bandeira, p. 14).
- Nomes das pessoas. Mito inédito: Peixes dão os nomes.

c) Maus são mortos por castigo e alguns em confronto direto com os bons:

- Müyniki mata com veneno e é morto. Mito inédito.
- Três incestuosos peregrinam. Dois são mortos e o terceiro se torna gavião-fumaça (Os Filhos da Anta, p. 1).
- Sol preguiçoso é morto pelas mulheres (O Sol Novo, p. 11).
- Waymyw.ú, espírito mau, é morto com mulher (Os Três Órfãos, p. 18).
- Yákohlo, espírito mau, mata e é morto (O Convite de Yakohlo, p. 21).

- Wanali, espírito mau, rouba peixe e é morto (A Morte de Wanali, p. 23).
- Anta rouba moça e é morta (A Moça e a Anta, p. 32).
- Homem desrespeita voto e é morto (O Tamanduá-mirim e os Caçadores, p. 47).
- Māpsí, espírito mau, só existente no mundo primevo, mata criança e mulher e é morto (A Morte de Māpsí, p. 49).
- Lobão rouba moça e é morto (A Moça e o Lobão, p. 48).
- Āynnā persegue sua mulher e é morto pela sucuri (A Sucuri Mata o Homem Virado Āynnā, p. 53).
- Mulher mata marido e é morta (O Castigo da Moça, p. 58).
- Mulher e filho do marido preguiçoso são mortos (Sapo Envenena Mulher, p. 62).
- Pai desrespeita a couvade e é morto (As Onças Comeram Pai e Filho, p. 64).
- Āynnā mata e é morto (Āynnā Matou e Morreu, p. 66).
- Rapaz abusa da filha de um velho e é morto (A Vingança do Velho, p. 67).
- Envenenador mata e é morto (A Morte do Envenenador, p. 72).
- Tatu abusa de mulher e é morto (O Tatu e a Mulher Infiel, p. 72).

d) Os espíritos maus do mundo primevo já desaparecidos são: Māmtitaloriru, que asobiava wā... wā... wā... moyamané, e levava cabaças fazendo o barulho tulu... tulu... tulu...; Waymywu.ú; Mãe-

da-lagartixa; Yawa.mò.yawli, um coatá brabo; Yákohlo; Waynāli; Māpsi; Xenkanuli.

2) Relação com o Ser Supremo:

- Inun.li fez o sol aparecer, lembrando-se dos Iránxe (Origem do Dia II, p. 55).
- Inun.lí, por intercessão da alma, devolveu mulher e filho a um homem e ensinou como deve ser franco, simples, paciente e a mulher deve se entender com o homem e acreditar na palavra dele nas horas difíceis da vida (O Aviso de Inun.li, p. 59).
- Os Iránxe afirmam que Inun.li quis que todas as coisas fossem boas.

3) Relação com o mundo transcendente:

No mundo primevo aconteceram curas, efetuadas por gente de cima (A Moça Magra, p. 43).

4) Relação com as conseqüências vantajosas:

Três órfãos foram ao mundo transcendente, voltaram e narraram o lugar das almas (Os Três Órfãos, p. 18). Como dissemos acima, a narrativa não conta toda a situação do lugar das almas, pois a tradição em parte ficou truncada.

5) Relação com as conseqüências desvantajosas:

- Uma família dedica carne a Náhi, o guardião das almas

perdidas (O Tamanduá-mirim e os Caçadores, p. 47).

- Três órfãos visitam o lugar das almas e se encontram com Náhi (Os Três Órfãos, p. 18).

Estrangulamento do Mundo Primevo

Os Iránxe narram como pessoas, por degradação, se tornaram animais, plantas, seres inanimados. Também dizem que vivem nesses seres. De qualquer forma, os seres todos são solidários, os homens e a natureza circunjacente.

a) Perdeu-se um paraíso:

- A flecha caçava sozinha e foi perdida por desobediência e imperícia (A Flecha Caçava Sozinha, p. 29).
- As caças tinham camas perto uma da outra e se perderam (Onça Virou Moça, p. 31).
- A roça, fruto de sacrifício humano se perdeu, por incúria (A Origem da Roça e da Yetá, p. 36).
- As caças, primeiro reunidas num buraco, foram dispersas (Como Vivem Espalhados os Animais, p. 51).
- Manal.inke.í, cobrinha rápida, plantava para o homem e por causa do invejoso, desapareceu (A Anta e a Sucuri, p. 53).
- Os povos viviam felizes dentro de uma grande pedra. Por desobediência, saíram e começaram a divisão dos grupos, a rixa, a maldade, a

doença, a morte (A Origem dos Povos, p. 54).

- O milho rendoso foi ganho e perdido (O Morcego e o Milho, p. 56).

b) Origem do peso da vida:

- Yalukali herdou do pai morto o osso com veneno e o osso, agouro de morte. Tornou-se espírito mau invisível e hoje provoca dissensões e agrava doenças, e seu agouro de morte é o assobio tivèntxe-txe-txe-txe. (Mito inédito).
- Mâymyw.ú, ao morrer, virou mata e cerrado, para continuar ferindo os Iránxe com paus e tocos (Os Três Órfãos, p. 18).
- Pessoas se transformaram em Áynnã, espíritos maus, e ainda hoje, procuram comer os corpos dos Iránxe. São identificados com meteoritos, as estrelas cadentes. Declaração explícita mitológica, ver: Homem Vai Comer Carne de Gente, p. 61.

Condições de Vida na Terra

1) A dura contingência

- “Inun.li deu terra boa e mata alta para os outros índios, deu castanha, cacau, muita borracha e pôs a gente aqui nessa areia, que não dá nada. Mas deu ao menos um lugar para nós. Não estamos queixando contra a vontade de Inun.li, mas o destino é padecer e lutar. E vamos sofrer, mas lutando para vencer.”

- Pior se tornou a condição de vida com a chegada dos brancos: “Por quê os brancos não ficaram mais para longe? a gente não entende a vida dos brancos. E por quê não ocuparam primeiro as terras perto das grandes cidades? A terra vazia por lá é muita. Por quê vieram tirar a nossa caça, expremendo a gente num pedacinho de nada de terra? Com quê vamos ficar?”

As terras são fracas e a única solução indicada pelos missionários de plantação no cerrado com técnicas de máquinas e adubação induzem a costumes novos não proporcionais à mente iránxe, mesmo sendo este grupo famoso entre os outros grupos indígenas da região (famoso) pelo espírito de trabalho.

“Nosso destino é mesmo sofrer. Escolhemos pegar algumas coisas do jeito de vida dos brancos. Não vamos voltar atrás. Agora, é tocar para frente. Mas não vamos ser como os brancos. Nosso jeito de vida é nosso e vamos continuar com ele.”

- O objeto central da cultura iránxe parece ser a instituição da flauta sagrada, proibida às mulheres. Dizem formalmente que, sem essa instituição, a vida não tem sentido.
- Querem a religião católica, com presença de missionários, por causa da fé e para

terem ensino escolar religioso.

2) Relação com o Ser Supremo

De Inun.li todo-poderoso e providente saiu a tradição iránxe. Frases como estas são ditas: “Foi Inun.li mesmo que mandou que fosse assim.”; “Isso foi de Inun.li mesmo que veio”; “Foi vontade dele”. A oração é costume tradicional iránxe. Quando uma pessoa está para morrer, pedem a Inun.li que traga de volta a alma, sabendo que a alma é chamada e sai do corpo, quando o corpo ainda dá sinais de vitalidade.

3) Relações com o mundo transcendente

Os trovões são rumores provenientes do mundo transcendente, produzido por pessoas de lá de cima. Assim são produzidos por pessoas diferentes: o de grandes chuvas, o sacolejante ou estalo, os breves, os extremamente compridos da seca.

4) Relação com as conseqüências vantajosas

- Quando a pessoa falece, os iránxe fazem fumaça e provocam o maior estardalhaço que são capazes, para afugentar Áynnã. Este vem comer o corpo do falecido e os circunstanciais correm perigo de serem também comidos.
- O cumpim é o sinal, o risco que indica para cima, a dire-

ção que a alma toma depois de sair dessa vida (O Caminho do Céu, p. 74).

- As almas dos patrícios defuntos se transformam em animaizinhos mansos e circundam a aldeia. Tempos atrás a duração da visita era longa, agora dura três dias. Os animaizinhos são símbolos e não se impede às crianças de matá-los, porque, atingido o animalzinho, a alma da outra vida não é atingida, porque em nenhum caso poderá ser, pois vive em condições da outra vida.

5) Relação com as conseqüências desvantajosas:

Náhi, o guardião das almas más, também pode chamar as suas almas, que estão ainda vivendo nesta terra. Ao chamado de Náhi, o corpo morre.

Conseqüências Vantajosas

a) Após Inun.li chamar a alma, esta vai para cima e empreende uma caminhada por caminho próprio dos bons: limpo e largo. Chegam lá em cima rapidamente.

b) Chegando no lugar das casinhas das almas, a alma é levada a se banhar na lagoa pûtakana.í, numa infusão de casca vermelha. Secada a infusão, uma camada vermelha de tinta da cor de iránxe torna a alma forte, livre de doença e da morte, e passa viver na compa-

dos Bichos (26, p. 28); O Carrapato Sem Bunda (26, p. 50); A Anta Queria Onça (26, p. 50); A Suspeita do Carrapato (26, p. 52).

b) Acontecem curas:

Formiga cura (A Formiga Sabida, 26, p. 39)

– Moça revive por virtude de uma casca (A Casca Milagrosa, 26, p. 48).

c) Origem de instituições tribais:

– Grande complexo uanindisu. Um tratamento adequado merece o pajé, o uanindisu. Não se pode tratar do uanindisu, sem também tratar outros dois grandes complexos de poderes especiais extraterrenos: atasú (espírito mau) e dô.uãunkidisu (alma). Para o uanindisu e atasú ver o mito da origem Kalenra.ikitesu (25, p. 1).

– Flauta sagrada proibida às mulheres (Origem da Roça e da Flauta Sagrada, 26, p. 17).

– Fogo reagindo à fartura e à carestia de carne (A Conquista do Fogo, 26, p. 23)

– Dieta de gestante (O Castigo da Mulher, 26, p. 27).

– Culto ao sábio (O Filho que Sabia Caçar, 26, p. 30).

– Culto ao herói (A Conquista do Machado de Pedra, 26, p. 41).

– Vida na aldeia, de casa redonda e fogo sustentado (O Casamento e a Morte da Sucuri, 26, p. 42).

– Festejos (A Festa do Velho, 26, p. 44).

– Reclusão da moça no primeiro sangue (A Menina Preguiçosa, 26, p. 49).

d) Maus foram castigados e às vezes mortos em confronto direto com os bons:

– Homem prende gente na árvore e por castigo vira tamanduá-bandeira e é morto (O Homem Vira Tamanduá-Bandeira, 26, p. 19).

– Cobra matou e foi morta (A Vingança do Gavião, 26, p. 20).

– Ladrão recebe castigo (O Miço da Cigarra, 26, p. 25).

– Anta rouba mulher e é morta com o filho (A Anta e a Mulher, 26, p. 26).

– Jaguatirica mata e é morta (O Tatuzinho e a Jaguatirica, 26, p. 34)

– Sapos matam e são mortos (Os Sapos Matam uma Mulher, 26, p. 35).

– Velha peidava desconsideradamente e foi morta (O Peido da Velha, 26, p. 47).

– Homem tacarho perde a mulher (A Mulher Virou Rato, 26, p. 47).

– Velha morta de preguiça (A Velha Morreu de Preguiça, 26, p. 52).

– Zombeteiros são humilhados (O Rabo da Preguiça, 26, p. 21); (O Jacaré Tinha Língua, 26, p. 43).

2) Relação com o Ser Supremo

– O urutau abriu a cabacinha da escuridão. Dã.uãsununsu, vendo o rosto da filha do pajé, deu o dia e a noite (A

Origem da Noite, 26, p. 22).

– Morto o sapo kuãhru, dono da água, faltou água. Dã.uãsununsu, vendo a urina da anta, deu água de novo (Nanbikuára Tem Água de Novo, 26, p. 32).

3) Relação com o Mundo Transcendente

Velho sobe ao Halu.halu.neki-su, com ajuda de uma alma e ensinou os matintinsu como devem fazer o tempo da chuva e o tempo da seca (26, p. 5).

Estrangulamento do Mundo Primvo

a) Perdeu-se um paraíso

– Kalenra.ikitesu deu origem aos atasu (espírito mau), por causa da desobediência de cunhadinho (25, p. 1).

– Pela desobediência dos netinhos entrou a morte no mundo (26, p. 1).

– Claridade e escuridão dependiam da vontade. Perdeu-se o domínio delas (A Origem da Noite, 26, p. 22).

– Fruta era fácil em qualquer tempo. Hoje depende da árvore e da sazão (A Fruta Hoje Tem Tempo, 26, p. 24).

– Caça reunida num buraco foi dispersa (A Moradia dos Animais, 26, p. 29).

b) As idades do firmamento e da terra

– Ciclo do Sol, da Lua (A Origem da Noite, 26, p. 22); (Novo Sol e Nova Lua, 26, p. 49).

– Ciclo da água (Nanbikuára Tem Água de Novo, 26, p. 32).

– Ciclo do firmamento (As Crianças Mataram o Haiêhru e Viraram Estrelas, 25, p. 24); (Novo Sol e Nova Lua, 26, p. 49).

– Ciclo da terra, com seis eras. Além da primeira, cinco narradas nos mitos (A Origem da Noite, 26, p. 22); (Novo Sol e Nova Lua, 26, p. 22); (sobre os matintinsu, 26, p. 5); (Ualuru Mata Toda a Gente, 25, p. 23); (A Origem do Nanbikuára de Hoje, 26, p. 35).

c) Origem do peso da vida pelo complexo atasu.

O Pe. Adalberto descreve a origem, as formas, a ação dos atasu, o mecanismo de defesa nanbikuára. Completa o quadro com 24 mitos sobre os atasu (25).

Notamos apenas que o perigo dos atasu é grande, pois a terra poderá ser destruída por um atasu de mais poder.

Os atasu pessoas fantásticas são: Siuintyahlu, Sukayodyutu, Kikiãuhlu, Alutzu, Uakanázu, Kauãuedndisu, Kalinha, Kalinsu (25, p. 3).

Os atasu animais fantásticos: iakalatasu, pôdntzu, ualuru, hatikisu, alaa.intzu, alùn.lahatasu, dihatasu, nitalúkisu, haialá.latasu, saní.kalisu (25, p. 6)

Os atasu animais reais perniciosos: uaihlatasu, idntzu, haiêhru, kalãinsu, irinãusu (25, p. 9).

Os atasu fenômenos da natureza: uadndisu (redemoinho de vento), relâmpago, tempestade, arco-íris, raio, bólido (25, p. 10).

Os atasu coisas são: sombra, relógio (25, p. 11).

Condições de Vida na Terra

1) Algumas observações

- Os nanbikuára sofrem as conseqüências de uma distribuição eclesiástica antiga desconhecadora da realidade pastoral de grupos naturais, assentados em área cultural. Apenas o grupo Alotezú, atualmente nas margens do córrego Tira-catinga é atendido. Apenas em 1977 recebeu um missionário estável.
- Os complexos uaníndisu (pajé), atasú (espírito mau), do.uãundidisu (alma), flauta sagrada, cura de doenças, formam um conjunto típico nanbikuára. Sobre uaníndisu falta um trabalho ainda.
- Males físicos cósmicos podem ser castigos de males morais: "Dà.uãsununusu castiga os homens, quando não se comportam bem: manda primeiro uma escuridão sem chuva, as raízes da figueira estalam, quebram e morre todo o mundo e esse se acaba. Nós os nanbikuára já nos comportamos bem, mas tememos os castigos de Dà.uãsununusu, por causa dos civilizados, que se comportam mal. "Querida saber bem a língua dos civilizados para explicar para eles essa situação do mundo." (26, p. 5).

2) Relação com o Ser Supremo

a) "Dà.uãsununusu fez as coisas certas: a mata para as plantas; a terra para a gente caçar, plantar e viver; a fruta para a gente comer; o dia e a luz, para a gente trabalhar." (26, p. 5).

b) "(Dà.uãsununusu) É o dono dos nomes próprios dos nanbikuára. O uaníndisu vai buscar o nome com Dà.uãsununusu. Dà.uãsununusu entrega o nome às almas. Estas ao uaníndisu. O uaníndisu, cantando, à pessoa. Por isso, o nome próprio é coisa sagrada." (26, p. 4).

c) "Precisamos nos comportar bem, isto é: não falar mal dos outros, não proibir nada para os outros, não mexer e nem tomar as mulheres dos outros, não matar os outros, nunca zangar, não falar mal do pajé." (26, p. 5).

3) Relação com o mundo transcendente

A vida na terra tem firmeza no mundo transcendente: "No Halu.halu.nekisu, as raízes da figueira descem até à terra. Todos os homens, índios e brancos, têm o mesmo sangue, vivem irmanados e entre as raízes da figueira. Se um nanbikuára acha que não deve ser assim, no dia que morrer, o atasu (espírito mau) dá conta dele. O mundo é muito grande, tão grande que nem se pode imaginar, mas as raízes da figueira invadem todo ele. O trovão sem estalo

corre pelas raízes da figueira, "fio irmão": igual a um fio elétrico." (26, p. 4).

4) Relação com as conseqüências vantajosas

Num capítulo, o Pe. Adalberto descreve a origem da morte, ou causa, presságios, óbito, cerimônias e enterro. (26, pp. 1-4). Aqui damos o que interessa mais ao sistema e ponto atual:

"A cabeça fica para o poente e os pés para o nascente, isto é, para do.uãunkisi (alma) ver e seguir o caminho do sol, que ilumina e leva a Dà.uãsununusu (Ente Supremo). Se não for nessa posição, a alma zanga e mata as crianças..." "Se se cava a sepultura, a alma zanga e mata todos os vivos. Quando um nanbikuára morre e não é sepultado, dautatasu (um grande gavião) desce de lá de cima do Halu.halu.nekisu, e come a carne do morto e leva os ossos para fazer ninho numa grande figueira."

As Conseqüências Vantajosas

a) Caminho da alma

"Após a morte, a alma continua por algum tempo nas proximidades da aldeia, em forma de sombra pequena de uma pessoa, ao meio dia. Pode ser reconhecida apenas pelo pajé. Desce então uma alma prática e convida a alma do morto para subir ao Halu.halu.nekisu. A convidada goza de perfeita liberdade para escolher o dia e o

momento de subir. Na hora, as duas almas partem voando mais que o vento. Nem sentem que estão viajando. Às vezes brincam de entrar no chão e sair lá na frente e também mergulhar na água e sair lá na frente, sem se molharem. Podem viajar de dia ou de noite, sem precisar levar fogo. As almas não são como a gente, que precisa levar três ou quatro dias para chegar num lugar. Bastam pensar ir em alguma parte e já estão lá. Halu.halu.nekisu fica muito longe, mas a alma chega lá sem nem mesmo sentir fome." (26, p. 6).

b) Transformação da alma

"Chegando ao Halu.halu.nekisu, a alma nova primeiro bebe água na lagoa e depois é entregue pela alma prática a Dà.uãsununusu. E agora a alma não precisa de comida e nem de água. Dà.uãsununusu dá um outro nome para a alma nova, uma nova vista, um novo corpo. Dá-lhe uma alegria sem fim e faz ver a beleza das coisas. Esta alegria e esta beleza são a alimentação da alma. Em qualquer idade em que o nanbikuára morreu, no Halu.halu.nekisu a alma goza de uma meia idade e fica sempre assim e não morre mais." (26, p. 6).

c) O lugar das almas

"Depois desta passagem pelo Halu.halu.nekisu, a alma volta à terra, onde passa a viver definitivamente em um dos lugares próprios das almas. Visitamos dois desses lugares." (26, p. 7).

Os dois lugares são: uãhru e durla.hohlisu. (26, p. 7).

Outros lugares são: kun-n.a.iauptinintza, kalu.hainintzu, uasa.kalintza, iaitulintzu, uenintzu. (26, p. 8).

"A criação da reserva nanbikuára trouxe um problema para os lugares das almas. Alguns desses lugares caíram fora da reserva e isto se tornou grande preocupação para os nanbikuára." (26, p. 8).

"... Sentados, Katunkulusu (grande chefe nanbikuára) me explica: Você é o primeiro civilizado que vê esse uãhru. . . Aqui não pegam doença nem morrem, nem ficam velhas. Como no Halu.halu.nekisu, as almas não precisam de água, de comida para viver. Alimentam-se apenas da alegria e da beleza. Somente cultivam o algodão para fazer enfeites e o fumo para fumar. Têm apenas quatro pés de fumo, que nunca morrem, de folhas maiores que as usadas pelos nanbikuára. A folha para o cigarro buscam fora do uãhru. Na casa das almas nunca escurece. Os esposos continuam casados e têm filhos. Só que a mãe carrega a criança em faixa de algodão, pois ali não tem embira. Ao chegar uma nova alma do Halu.halu.nekisu, uma alma prática abre a porta com uma espada e depois que entrou, fecha. Às vezes a gente ouve conversa lá dentro." (26, p. 7).

d) Ação protetora das almas

O Pe. Adalberto descreve o grande complexo do.uãunkidisu num capítulo (26, pp. 9-13). Aqui também damos apenas o essencial ao nosso propósito:

"Em ocasiões relativamente freqüentes, as almas boas retornam temporariamente às aldeias, espontaneamente ou a convite do uanindisu. Observamos algumas dessas comunicações provocadas pelo uanindisu: na cura de doentes; na tomada de posse de um novo chefe; em dois eclipses da lua; na comunicação entre aldeias, em grandes tempestades. ... As almas são ainda mensageiras entre as várias aldeias, "como rádio", expressou-se um informante. Às vezes trazem espontaneamente as notícias, às vezes por meio de uma cerimônia dos nanbikuára "

"Por ocasião de uma visita espontânea das almas à aldeia, nada acontece de mal, como ficar doente, machucar-se, meter um espinho no pé. Mas se as almas percebem que alguém zanga ou fala mal, ou reclama de outro, logo se retiram. Só acontece alguma coisa de mal, quando a alma não está. Então, é preciso estar sempre alegre, para as almas chegarem "

Conseqüências Desvantajosas

"Dà uãsununsu não precisa de arco, flecha, cabaça, cuia, enfeite e colar, mas somente das almas. Vai guardando na

memória o comportamento das pessoas aqui na terra. Se uma pessoa se comporta mal, sua alma sobe até o Halu.halu.nekisu, mas é mandada de volta à terra, sem receber nada. Fica ao relento num mato cheio de cobras e lacraias. Se o uanindisu a encontra, mata-a. Para um informante, a alma má vira atasu bólido. Para outro informante, se acaba." (26, p. 6).

Sistema da Economia da Salvação Paresí

Encontra-se em preparação um trabalho do Pe. Adalberto Holanda Pereira sobre a etno-história dos Paresí. Aguardamos a edição para documentarmos mais ricamente o sistema, que em substância denota um campo específico: o feitiço, não sendo necessário modificar o ideograma. Apresenta ainda o tema flauta sagrada, comum aos Irãnx e Nanbikuára.

Projeções Pastorais do Sistema

A exposição do sistema acima descrito, a missionários indigenistas, assim como a sacerdotes, despertou vivas ressonâncias de cunho evangelizador e pastoral. É conveniente, pois, tratar de projeções práticas: valor do sistema como fonte de informação indígena e como contribuição à evangelização verbal.

1) Valor do sistema como fonte de informação indígena.

Alguns propuseram a seguinte questão crítica: não será o

sistema fruto da evangelização praticada pelos missionários durante muitos anos? Se assim for, o valor do sistema é praticamente nulo.

Permitimo-nos aqui apresentar uma explicação dos termos da catequese até o advento do CIMI, citando o missionário antropólogo, o Pe. Adalberto Holanda Pereira em Questões de Aculturação, nº 6:

"É notório o apego do índio aos seus valores religiosos. Por isso, enquanto outras esferas culturais mudam rapidamente e em ritmo crescente, o sistema religioso persiste. Há mesmo casos de tribos integradas em que, substituída integralmente, ou quase, a cultura material, permanecem os valores religiosos, transformados em um reduto de cultura e no único e último recurso para afirmar a sua autoconsciência. Quase não existe no Brasil uma tribo de cuja cultura tenham desaparecido os valores religiosos. Esses somente desaparecem ou pela redução do grupo a famílias elementares isoladas, sem liames comunitários entre si, ou pela mestiçagem. A catequese cristã não solapa os fundamentos da religião tribal, enquanto esta se apoiar no conjunto de suas instituições. É difícil uma conversão genuína, a não ser que a catequese atinja os imaturos. Quando um índio adota práticas, ou mesmo idéias cristãs, através da catequese ou do convívio, isso não significa um

enfraquecimento dos seus primitivos valores religiosos. O índio continua se portando como tal. Donde se diz que a catequese não passa de um verniz que por si só não afeta o sistema de crenças, sobretudo nos adultos. O catequizado ou aceita o novo ensinamento, na medida em que consegue coaduná-lo com o tradicional, ou apenas substitui o significado de acordo com os valores básicos. Os valores cristãos, ao se afirmarem mais, sofrem primeiro uma distorção ou reinterpretação, de acordo com o quadro de referência antigo. Não é catequese que modifica o sistema religioso do índio, mas a diminuição de suas práticas – cerimoniais. Por sua vez, essas diminuem quando ... a substituição das cerimônias nativas pelas práticas do culto cristão, ou a sua concomitância, tem os seguintes incentivos psicológicos: – o desejo do índio de se igualar ao branco e apagar o estigma de "selvagem e pagão" (se não for um mero expediente para ocultar o apego à religião tribal); – um meio de obter um "status" social superior perante o branco ou pelo menos poder ter relações simétricas com a comunidade nacional. Uma catequese eficiente e inteligente exige do missionário um grande conhecimento da língua e do mundo religioso do grupo que se propõe catequisar. Do contrário se expõe ao perigo de desenvolver uma atividade altamente nociva ao mesmo grupo, sobretudo gerando traumas psí-

quicos na mente do índio. Além disso, é capital, que a catequese respeite as diversas culturas dos grupos tribais, ajudando-as a evoluir de acordo com as suas características próprias (Pastoral, 22, pág. 29). .. Tenha-se presente que a motivação para o índio se filiar a esta ou aquela igreja lhe advém primariamente de interesses extra-religiosos." (Cfr. Bibliogr.).

Temos a dizer que a penetração maior que vimos da catequese foi precisamente dúvidas, traumas, pois a catequese, desconhecendo os termos indígenas, feriu a mente. Recebi consultas de iránxe e paresí neste sentido. Positivamente, a catequese não foi inteligente e não respeitou o substrato humano de cada um dos grupos indígenas

Por outra parte, boa parte da mitologia paresí conhecida até faz poucos anos, foi descrita por pesquisadores não missionários e se apresenta idêntica à que se obtém hoje, sem mudança.

Quem tem um pouco de prática de pesquisa, logo repara as intervenções estranhas na cultura indígena e o cunho de intervenção catequética é nulo, é material logo separado para uma distorção em caminho de sincretismo, em que o material catequético é assumido no sentido do indígena. Os Iránxe diziam: "Vocês dizem Nossa Senhora, pois antes de chegar missionário aqui, nós já temos

Nossa Senhora: é aquela boa senhora da outra vida, que recebeu os três órfãos, e tratou bem a eles."

Uma catequese assim, certamente, não influiu nos mitos e nas etno-histórias dos três grupos estudados, e o sistema da catequese ficou incólume.

Ao ouvirem a exposição do sistema, outro grupo de pessoas expressou o contrário: que a alma indígena é tão cristã, que antes da evangelização já possui valores cristãos e assim não necessitam de evangelização.

Certamente esses ouvintes, menos avisados em matéria teológica, criam já perfeitos os passos prévios, as portas de entrada, que o missionário estudará, para uma evangelização inteligente. O que se pode concluir é que a alma indígena se encontra aberta ao Evangelho e não entrava a boa nova de Cristo, Deus nascido no tempo, crucificado, morto, sepultado, ressuscitado e vivo hoje entre nós. Como outros trabalhos, o sistema da economia da salvação indígena põe à vista o que Frei Elizeu Lopes diz: "... cumpre que, identificando "os vestígios" de Deus na história do povo indígena, saiba o missionário identificar também nas aspirações e nos mitos, o itinerário da Promessa e da Nova Aliança." (p. 6, Cfr. Bibliogr.).

Assim, entramos no segundo ponto em pauta:

2) Valor do sistema como contribuição à evangelização verbal

Entendemos que a evangelização formal de vida e exemplo, sem palavras explícitas ou pregação, seja a única maneira de evangelizar em muitas situações dos índios. Referimo-nos ao possível.

Também distinguimos entre duas ações: uma objetiva de quem apresenta a tradição indígena ou então o evangelho, e outra, uma subjetiva do índio a responder ao chamado e mensagem de Deus, qualquer que seja a situação objetiva. O índio, não tendo recebido a plenitude da revelação de Deus, corresponde (plano subjetivo) muitas vezes melhor, que nós os brancos, ao chamado de Deus – pelo visto –, quando nós, brancos, somos mais bem aquinhoados (plano objetivo), tendo recebido mais alta revelação.

Nosso assunto situa-se no plano objetivo de ofertar ao índio, o que Cristo mandou que ofertássemos: a boa semente do evangelho. E para tal trabalho de evangelização, a primeira coisa a fazer, é saber onde está o chão, onde a germinação possa acontecer. Em outras palavras, cumpre descobrir as portas abertas e não perdermos tempo com endereços falsos.

Seguindo pois a linha do CIMI de respeitar a cultura, o missionário poderá encontrar no presente sistema algumas informações úteis para a evangelização.

Sendo uma abstração, o sistema em si, quando muito pode dar alguma informação muito por longe. Trabalho plenamente útil é penetrar na mente do grupo concreto, como faz Pellizzaro. (Cfr. bibliogr.). Mas como introdução à evangelização o sistema é útil e podemos, com ele, destacar os pontos seguintes:

a) Cosmovisão universal religiosa de caráter mítico

Dizendo mítico, afirmamos que o índio utiliza a técnica mental de propor questões imaginosa, questões essas da maior importância para o grupo, questões de consciência, como de interesses fundos pessoais, de família, de ajustes sociais, de ambientação ecológica, de sobrevivência, de valores morais, de valores religiosos. Discutindo ainda imaginosa os assuntos, trava os raciocínios com coerência e por fim dá uma saída. O difícil para o missionário é mover-se no mundo imaginoso, onde muita coisa é dada como óbvia, quando para o missionário não o é.

O portentoso quadro de referência universal, de tendência filosófica e alto valor humano patenteado no sistema ajuda o missionário, entre outras coisas, a ver que o fundamental na missão é o espírito e não planos baratos de realização pessoal do missionário. Se bem entendido, o índio mesmo exige do missionário o máximo de espírito.

b) Ser Supremo providente

Até chegarmos à convivência com o índio e estudar a etno-história do grupo, a missão, nos três grupos indígenas, pressunha piamente os Iránxe, Paresí, Nanbikuára como ateus, fetichistas, refratários à evangelização. Alguns missionários achavam os índios até bem capazes de evangelização, porque eram bonzinhos.

Não precisamos comentar os equívocos, quanto temos expressa a mente indígena.

c) Tema mítico de volta sempre ao princípio

Parece que Cristo deve ser proposto como princípio de vida e não tanto como termo de um processo histórico. Cristo histórico, nascido no tempo, crucificado, morto e ressuscitado no tempo é o tema fundamental inadiável do missionário. Mas este Cristo histórico vem a ser para a mente indígena o princípio, pois a vida só tem sentido, quando se volta ao ato puro do princípio.

d) Sentido comunitário universal

Se a marcha para a felicidade plena é característica do homem na terra, a ambientação do homem no universo se rege por leis de deveres e direitos mútuos. Diz Paulo Meneses, no capítulo Zoema homem (Cfr. Bibliogr.), com pertinência:

"Na estória contada, o ho-

mem nem sempre é o protagonista; e quando o é, não se arroga o papel de "Rei da Criação", ou de "medida de todas as coisas". Os seres entre os quais circula, se "medem", com ele, num relacionamento cordial, cujo segredo perdemos; o homem é parte da "biosfera" que tem exigências e direitos sobre ele. É natural que sendo os mitos escritos por homens, assumam o seu ponto de vista, cultivem um "etnocentrismo" ou "chauvinismo" do gênero humano. Porém não mais que isso. Seria enganoso interpretá-lo como humanismo no sentido ocidental, quando identificar o

etnocentrismo dos Münkù que se autodenominam "Gente" (ou os Cheyenne, "Seres humanos"), com o racismo sul-africano ou nazista."

Segue-se que um ponto teológico de preferência indígena é o Cristo cósmico, apesar de ser o tema para nós, brancos, um tanto remoto. Preferimos a espiritualidade do trabalho e da produção, quando entre nós é tido em alta honra o voto de não perder tempo. Para o índio, o inverso é que se valoriza: a pobreza e a tal ponto, que livre de injunções materiais, o tempo sobra.

FONTES E BIBLIOGRAFIAS

- DIVERSOS (Equipo Misionero, Seminario de Caracas) **Antropologia y Teologia Misionera**, Bogotá, 1975, 207 pp.
- DIVERSOS (Equipo Misionero, Seminario de Caracas) **Experiencias y Realidades**, Bogotá, 1975, 179 pp. (Vide pp. 92-106).
- DIVERSOS (Opus) **Mysterium Salutis**. Trad. Vozes de Petrópolis. I/1; II/1 (Vide pp. 36-41); II/3 (Vide pp. 27-70); II/4 (vide pp. 90/91); 92-104).
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano – A Essência da Religião**. Trad. portug. Lisboa, 1956, 174 pp.
- FRIKEL, Protasio. **Traços da Doutrina Gêge e Nagôu sobre a Crença na Alma**. Revista de Antropologia, Vol. 12, nºs 1/2, jun. e dez., São Paulo, 1964, pp. 51-81. (Vide conceito de alma, p. 54).
- JACOBS, Louis. **O Significado da Lei**. Concilium, nº 98, 1974/8, Petrópolis, 1974, pp. 972-987. (Vide p. 977).
- KIPPER, Balduino. **Carta São Leopoldo 8/4/1975 – Esclarecimento sobre as sete leis dos filhos de Noé, respondendo à consulta do autor.**

- LOPES, Elizeu. **Fundamentos Teológicos da Missão**. CIMI, Boletim Informativo, nº 2, ano 2, 2 de março, Brasília, 1974. (Vide p. 6).
- MAGNANI, Giovanni. **Il Fenomeno Religioso**. Interpretazioni Fenomenologiche II/III, Roma 1971, 68 pp. (Vide pp. 1-19).
Ateismo Moderno e Esperienza Religiosa – Istituto di Scienze Religiose, Psicologia del Ateismo, Roma, 1967. (Vide pp. 115/116).
- MENESES, Paulo; COSTA LIMA, Luis. **Mitologia Iránxe** – Análise Estrutural, Rio de Janeiro, 1974, 173 pp. (Vide p. 74).
- MOURA e SILVA, José de. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo**. Pesquisa 1, Porto Alegre, 1957, pp. 143-180; 293-295.
Os Münkü, 2ª Contribuição ao Estudo da Tribo Iranche. Pesquisa, Antropologia nº 10, Porto Alegre, 1960, 59 pp.
 Notas sobre la Evangelización Indígena. Caracas, 1974, mimeografado 16 pp Reproduzido in cfr. supra Diversos.
- PELLIZZARO, Siro. **Evangelización Shuar**. 2º Seminário Pastoral de Nativos, Chaclacayo 3-13 febr. 1974, mimeografado 16 pp.
 La Encarnación de la Iglesia en el Pueblo Shuar. Primer Encuentro Pan-Amazonico de Pastoral Indigenista, Manaus, 20-25 junho 1977, mimeografado (.2?) pp.
- PEREIRA, Adalberto Holanda. **Vocabulário da Língua dos Irántxe**. Revista de Antropologia, Vol. 12, nºs 1/2, jun. e dez., São Paulo, 1964, pp. 105-115.
Questões de Aculturação. Essa Onça, ano 1, nº 1, Cuiabá, 1973.
Os Espíritos Maus dos Nanbikuára. Pesquisas, Antropologia, nº 25, São Leopoldo, 1973, pp. 1-33.
A Morte e a Outra Vida do Nanbikuára. Pesquisas, Antropologia, nº 26, São Leopoldo, 1974, pp. 1-14.
Lendas dos Índios Nanbikuára. Pesquisas, Antropologia, nº 26, São Leopoldo, 1974, pp. 15--22.
Lendas dos Índios Iránxe. Pesquisas, Antropologia, nº 27, São Leopoldo, 1975, 84 pp.
 (Em preparação) Etno-História Paresí.
- RAHNER, Karl. **Escritos de Teologia**. Los Cristianos Anónimos, Madrid, 1961. (Vide pp. 535, 544).
 Escritos de Teologia V. Las Religiones no Cristianas, Madrid, 1964, pp. 135-156.

- SAAKE, Guilherme. **O Adversário do Ser Supremo nos Povos Primitivos**. Revista Eclesiástica Brasileira, vol. II, junho, Rio, 1957, pp. 321-330.
- SCHADEN, Egon. **A Mitologia Heróica de Tribos Indígenas do Brasil**, 2ª ed. Rio de Janeiro. 1959. (Vide pp. 23-75).
- ZERRIES, Otto. **A Representação do Ser Supremo entre os Povos Primitivos da América do Sul**. Revista de Antropologia, vol. 12, nºs 1/2, jun. e dez., São Paulo, 1964, pp. 35-49.